

João Almeida Nunes e Ricardo Roque (orgs.)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
001NUN* 39735
BIBLIOTECA

**OBJECTOS IMPUROS:
EXPERIÊNCIAS EM ESTUDOS
SOBRE A CIÊNCIA**

Edições Afrontamento

ÍNDICE

Título	Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência
Organizadores	João Arriscado Nunes e Ricardo Roque © 2008 Edições Afrontamento e autores
Imagem da Capa	<i>Musa superba</i> ou <i>Ensete superbum</i> , segundo desenho de William Roxburgh, <i>Plants of the Coast of Coromandel</i> , vol. III, 1819. Imagem gentilmente cedida por Gerda Rossel
Edição	Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto www.edicoesafrontamento.pt / geral@edicoesafrontamento.pt
Colecção	Biblioteca das Ciências Sociais / Sociologia / 68
Nº de edição	1182
ISBN	978-972-36-0985-1
Depósito legal	283634/08
Impressão e acabamento	Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira geral@rainhoeneves.pt Novembro de 2008

09	Agradecimentos
11	Sobre os Autores
13	Introdução ■ João Arriscado Nunes e Ricardo Roque
13	1. Os estudos sobre a ciência
18	2. Os estudos sobre a ciência em Portugal
25	3. Experiências em estudos sobre a ciência
33	Referências bibliográficas
37	PARTE I: OS ESTUDOS SOBRE A CIÊNCIA EM PERSPECTIVA
39	Capítulo 1: Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência ■ Bruno Latour
40	1. Articulações e proposições
47	2. O princípio de falsificação de Stengers-Despret
48	2.1. O científico é um ingrediente raro na ciência
48	2.2. Científico significa interessante
49	2.3. Científico significa arriscado
50	2.4. Procurar o que é recalcitrante em humanos e não-humanos
51	2.5. Proporcionar ocasiões para diferir
52	2.6. Nem distância nem empatia
53	2.7. Generalizações boas e generalizações más
54	2.8. Permitir um mundo comum
56	Conclusão: Quantos são os corpos que devemos ter?
60	Referências bibliográficas
63	Capítulo 2: Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas ■ Annemarie Mol
68	1. Onde estão as opções? Sobre <i>topoi</i> políticos

69	2. O que está em jogo? Sobre a interferência	162	2. A dinâmica da agência nos colectivos cirúrgicos
71	3. Há opções? Sobre a inclusão	165	3. O «destacamento» do Sr. Santana
74	4. Como escolher? Sobre estilos de política	167	4. O movimento dos colectivos na enfermaria
75	Posfácio	169	5. A classificação laboratorial do colectivo
75	Referências bibliográficas	170	6. Dar «alta»
79	Capítulo 3: Género e ciência ■ Ilana Löwy	173	Conclusão
92	Referências bibliográficas	174	Agradecimentos
92		174	Referências bibliográficas
95	Capítulo 4: A ciência e a construção dos problemas ambientais ■ Alan Irwin	177	Histórias
99	1. Perspectivas da sociologia do conhecimento científico	179	Capítulo 1: Espíritos clandestinos: espiritismo, pesquisa psíquica e antropologia da religião entre 1850 e 1920 ■ João Vasconcelos
101	2. Cientistas, ciências sociais, vacas loucas e ambientalistas	179	1. Introdução
105	Referências bibliográficas	181	2. Espiritismo, pesquisa psíquica e naturalização do sobrenatural
107	Capítulo 5: Os estudos sobre a ciência, a antropologia e a grande fractura	186	3. Espíritos clandestinos no tempo da ciência e da religião
	■ Cristiana Bastos	191	4. Nas margens da antropologia: animismo e espiritismo
107	1. Breve nota histórico-genealógica	201	5. Ciência e prova no espiritismo de Allan Kardec
111	2. Algumas perguntas, seguidas de reflexão sobre o desagravo dos cientistas	204	Observações finais
112	3. Métodos, temas e problemas	207	Agradecimentos
115	4. Um estudo de caso: a ciência e os primeiros anos de SIDA	207	Referências bibliográficas
117	5. Parceiros internacionais, a produção da ciência e a grande fractura	211	Capítulo 2: Fazer ciência, construir o Estado. Explorações a partir do conceito de rede no Portugal de Oitocentos ■ Rui Branco
120	6. O Brasil, a ciência e a gestão local de ordem internacional	211	1. Breve panorama da cartografia oitocentista
125	7. Retomando questões teóricas e epistemológicas a partir do terreno	213	2. O que é e para que serve uma rede geodésica?
126	Agradecimentos	215	2.1. Estação central e triangulação de primeira ordem
126	Referências bibliográficas	216	2.2. Triangulação secundária
133	PARTE II: DINÂMICAS DE TERRENO: ESTUDOS DE CASO EM PORTUGUÊS	217	2.3. Topografia ou a restituição continuada do relevo
135	Etnografias	219	3. De que é composta a rede geodésica?
137	Capítulo 1: O que faz a «experiência»? A ontologia de algumas caixas-negras no Instituto de Meteorologia ■ Gonçalo Praça	220	4. O que é produzido pela rede?
137	1. Introdução	220	5. O que torna a rede duradoura?
140	2. Histórias meteorológicas	221	6. Como surgem os efeitos de poder/conhecimento?
140	2.1. Sobre a existência da Serra de Sintra	222	7. Fazer ciência, construir o Estado
142	2.2. «Ver» entre aspas»: conhecimento tácito e subjectividade	224	Referências bibliográficas
144	2.3. Graus de «personalidade» variável	227	Capítulo 3: Sementes contra a variola: Joaquim Vás e a tradução científica das pevides de bananeira brava (Goa, 1894-1930) ■ Ricardo Roque
147	2.4. Efeitos de sobreposição e poder	227	1. Introdução
150	2.5. Quem, ou o quê, tem poder de decidir	232	2. O combate à variola, as pevides e os programas da medicina goesa
151	Conclusão	236	3. A narrativa de descoberta de Joaquim Vás e as cadeias de tradução científica
154	Agradecimentos	238	3.1. Traduções clínicas
155	Referências bibliográficas	240	3.2. Traduções botânicas
159	Capítulo 2: Agência e colectivo em cirurgia: a noção de «destacamento»	245	3.3. Traduções farmacológicas
	■ Tiago Moreira	246	4. As sementes e os serviços de saúde I: Joaquim Vás e Wolfango da Silva
159	1. Cirurgia e agência	249	5. As sementes e os serviços de saúde II: Joaquim Vás e Froilano de Melo

255	Conclusão
256	Agradecimentos
257	Referências bibliográficas
263	Controvérsias
265	Capítulo 1: Arte rupestre em Alqueva: quando as pedras não falam
	■ Sofia Bento
272	1. A emergência das gravuras rupestres no espaço público
275	1.1. As imagens: uma descrição sumária das gravuras rupestres
277	1.2. O ritual da descoberta
279	2. Trajectórias diferentes para a mesma descoberta: as tensões na descoberta das gravuras
282	2.1. O exercício de demonstração das gravuras rupestres na imprensa
284	2.2. A imprensa ou o subtexto das gravuras: na maioria da imprensa uma legenda neutra
286	2.3. A avaliação dos especialistas na imprensa: uma peritagem pouco tranquila, mas sem grandes sobressaltos
288	2.4. O apelo dos críticos na imprensa: um resultado em «banho-maria»
290	3. As gravuras rupestres em outros espaços
291	3.1. A internet: o novo espaço da comunidade arqueológica
293	3.2. As gravuras nas discussões restritas dos arqueólogos
296	Considerações finais
299	Agradecimentos
299	Referências bibliográficas
303	Capítulo 2: Quantas partes fazem um todo? A saúde como factor de controvérsia científica no seio dos conflitos ambientais em Portugal: o caso de Souselas
	■ Marisa Matias
303	1. Introdução
305	2. Quando o ambiente e a saúde se «encontram»: a complexificação dos problemas ambientais e a emergência da saúde como elemento da controvérsia
307	2.1. A saúde em palco nos conflitos ambientais
310	2.2. Como se gera uma controvérsia em torno dos efeitos sobre a saúde? O caso da luta contra a co-incineração em Souselas
311	2.3. A emergência da saúde como elemento central da controvérsia
316	3. A controvérsia em torno da definição do problema e das suas implicações
318	3.1. O «problema»
322	3.2. A organização das posições dirigentes no seio da controvérsia
323	Considerações finais
326	Agradecimentos
326	Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

Este livro viveu sobretudo da contribuição generosa de todos os autores. Para eles, o nosso primeiro e maior agradecimento. Gostaríamos de agradecer em especial ao Gonçalo Praça, pelo apoio amigo e pelo excelente trabalho de tradução para português da maior parte dos autores estrangeiros apresentados neste livro, e a Marisa Matias, cuja competência, rigor e dedicação permitiram que a produção deste livro fosse levada a bom termo, ultrapassando os diferentes percalços e adiamentos que este projecto foi encontrando desde a sua concepção inicial.

A nossa gratidão vai também para Ana Raquel Matos, que fez uma leitura e revisão cuidadosas de todo o manuscrito, e para Oriana Rainho Brás, que reviu a tradução do capítulo de Alan Irwin.

As Edições Afrontamento acolheram a ideia deste volume com entusiasmo e cuidado editorial. Gostaríamos de agradecer, em especial, a Andrea Peniche todo o seu apoio e a paciência com que acompanhou a realização e finalização do livro.

Uma palavra muito especial de reconhecimento é devida a Boaventura de Sousa Santos, pelo diálogo crítico que vem mantendo desde há anos com os estudos sobre a ciência e para a abertura de novos horizontes na reflexão e investigação sobre o imenso campo dos conhecimentos e saberes que coexistem no mundo, interagindo de forma pacífica ou conflitual com as práticas e saberes das ciências. Se este livro se concentra ainda nestas, nele estão presentes já os sinais de uma necessária abertura à ampliação dos estudos sobre a ciência à riqueza dos «outros» saberes e conhecimentos.